

MEMÓRIAS

Do camarada Carlos Alberto Torres Alves (torres e torres erguendo...), 1º Cabo Cripto, registam-se as suas Memórias sobre os tempos da comissão.

Nasceu na Amadora em 07DEZ1948 onde residia com os pais; trabalhava num escritório e estudou um ano à noite.

(Ao tempo, diziam que o pessoal de Lisboa, ia passar férias à Amadora, que fica a 5Km do Marques de Pombal, em Lisboa. Que confina com Benfica/Lisboa, e onde nasceu o 1º campo da Aviação Militar).

Depois da tropa fui trabalhar numa Companhia de Seguros. Actividade que desenvolvi até me reformar.

Casei depois da tropa. Tenho duas "belas" filhas. Dois netos e espero o terceiro.

Durante:

Memo 1:

Numa manhã de sábado do mês de Fevereiro de 1979, um camarada teve a infeliz ideia de telefonar a informar que estávamos mobilizados... Acabou meu compadre, "mas nunca lhe perdoei" pela notícia que deu...Tinha-me deitado cedo, por volta das 05 horas, e o "desgraçado" telefona-me pelas 09 horas com a notícia... Só não levou com a bota porque estava longe. No Regimento de Cavalaria 7, na Ajuda/Lisboa onde fomos colocados após terminar o Curso de Estado-maior, findo o qual fomos promovidos a 1º Cabo Criptólogo... Grande responsabilidade a "comandar" e organizar/desorganizar letras numas máquinas e também em folhas de papel quadriculado. Tecnologia de ponta para a época!...

Não sei já quanto tempo depois, lá me deram uma Guia de Marcha para me apresentar em Tomar no RI 15. Segui sozinho já ao fim do dia, depois de me ter ido despedir da namorada de então. O comboio deixou-me na estação de Tomar, e eu não fazia a mínima ideia onde ficava o Regimento. Fui comer alguma coisa, porque já passava das 22 horas, A guia de marcha não incluía, alimentação. O "botas" era bastante poupadinho... E depois do repasto ligeiro, lá tive de gastar uns trocos num táxi até ao RI 15.

Fiquei satisfeito logo à chegada, porque o sentinela me disse que já não podia entrar?...

Pedi-lhe para alguém me declarar aquilo por escrito, para eu me pirar, e o tipo chamou o Sargento da Guarda. Este era um "assambarcador", mandou-me entrar, viu a papelada da Guia de Marcha, e chamou o Cabo da Guarda, para me indicar uma caserna onde eu poderia dormir. Lá fomos. O camarada devia conhecer mal a Unidade, ou estava com os copos, fazia frio naquele mês de Fevereiro, ou então gozou comigo, o grande fdp, e indicou-me um edifício, próximo da parada.

Luzes apagadas, entrei, vislumbrei uma cama sem ninguém, apenas tirei o blusão e as botas e deitei-me. Tinha o "pijama muito amachucado", e não queria que me vissem assim logo no primeiro dia!...



De manhã quando fui acordado por aquele toque infernal da alvorada, comecei a ver pendurados nas camas de um só piso, e sem armários, os blusões do pessoal, ou as camisas da farda de trabalho, mas todos com divisas de 1º Cabo Miliciano!?... Pensei, será que fui promovido?... Mas não, quando olhei bem para as minhas, não tinham o tal biquinho voltado para baixo... Mas do pessoal próximo ninguém reagiu. Tanto quanto me lembro nem era nenhum da nossa futura Companhia. Devem ter pensado que eu seria um Cabo RD?!... Sei lá?...

Este foi o único episódio naquela nova situação no IAO. Acho que não aprendi nada de jeito na semana de campo. Não é crítica aos senhores graduados... Mas era assim mesmo... Havia apenas que cumprir calendário. Depois, lá logo se via... Gostei muito de ver os pinheiros nas margens do Zêzere, de "brincar" às escondidas, de fazer de IN... Não tanto dos tiros do então Cabo Miliciano Maia, e de dormir com os pés de fora naquelas minúsculas tendas feitas com dois panos ligados pelas ilhoses. Era esperto o tipo que inventou aquilo...

Ah e lembro-me também do nosso Capitão me perguntar, nos primeiros dias, "*se eu gostava de fotografia*". Achei o homem simpático, pela curiosidade em conhecer os "óbis" do seu pessoal! Mais tarde vim a perceber porquê... quando na viagem me foi indicado um tripulante do Vera Cruz que fazia fotografias, e com quem passei várias horas durante alguns dias a aprender as técnicas da revelação e impressão das imagens no papel. Devo isso ao nosso Capitão... E já prometi à minha neta que vai fazer 9 anos, ensiná-la. Algum tempo depois de cá estarmos acabei por comprar um equipamento, e ainda revelei em casa muitas fotos de família, a preto e branco.

E pronto. Sempre aprendi alguma coisa na tropa que se pôde aplicar na vida civil... Para além do "*toma nota ao tó*" que os camaradas das transmissões, Cabo J Pedras e Soldado Gerónimo, gritavam para o rádio, no início do envio das mensagens transmitidas em fonia!... Também aprendi a dizer "*l lique*" com o nosso Cabo escrita. "*Seent op*" já tinha aprendido antes, na recruta em 1969, naquele calor infernal do Alentejo, no RI 3 em Beja.

Para além de que já bisava uma recruta, feita anteriormente na tropa de elite da FAP. Quão orgulhoso fiquei após saber que tinha sido aprovado e aceite nas provas muito exigentes na FAP em 1967. Ainda andei por lá 11 meses antes de ser eliminado e apanhar 5 -cinco- dias de detenção disciplinar agravada. Bati num Cabo da PA, que teve de ir para a enfermaria com o narizito partido... Foi sem querer!... Eu que sempre defendi a cordialidade... Coisas da vida.

Retomando a viagem no Vera Cruz:

E como fiquei a dar-me bem com o tripulante, quando a água para banhos começou a ser racionada lá para meio da viagem, e mesmo a faltar, eu ia tomar o meu duche numa zona do navio reservada à tripulação. Boa malha...

Saltei a ida para a Amadora, porque por ser a minha terra, passei os dias a namorar para me despedir. Do embarque e das despedidas, não quero falar. Porque me custou bastante...

Tenho de confessar que tinha pensado fugir do país... Só que na hora; não tive coragem... Fiquei, e lá fomos conhecer África!... Às vezes até "...cantando e rindo..."

"Foste, foste, eu bem sei que foste no domingo à tourada.

E ao subires o camarote, vi-te a saia bordada..."



-Fico por aqui hoje.

Na próxima escreverei sobre os Memo 3,4, 5 e seguintes. Já somos "idosos". As coisas têm de ser feitas com mais calma...

Salama mesungo. Lipelilé, ancata uananga.

(Adeus, ou boa noite, branco dos dentes. Minha mulher está a chamar-me)

CAIves
027328/69

CAIves
2016
in <http://CC2702.EU>

LÊ MAIS UM MEMO DO TORRES ALVES JÁ A SEGUIR.



Uma Carta do Carlos Alves

em 20160227

Caro Nasc,

De repente lembrei-me dos lápis de bico grosso, azuis ou encarnados usados pelos coronéis no tempo do fascismo.

Desculpa amigo CNascimento. nem tu foste Coronel (embora te ficasse bem aqueles galões), e creio-te bem antifascista.

Mas comecei a recuar tanto no tempo que cheguei ao meu tempo de escola...

Tinha eu 16 anitos, escrevi um pequeno texto no jornal da escola onde andei, Escola Comercial Veiga Beirão, em pleno Largo do Carmo - Lisboa, tendo a escassos 40 metros o quartel da GNR.

O escrito tinha a ver com as diferenças entre os jovens que iam para o chamado ensino técnico e os que iam para os liceus...

O director cortou quase tudo o que escrevi... Depois falei com uns tipos da JOC, e eles publicaram o texto. Meti-o num envelope, sem remetente, e arranjei forma de o fazer chegar ao gabinete do director, que por acaso era o meu prof. de português. Vinguei-me!

Agora sim, vou escrever alguma coisa sobre as minhas impressões na chegada a Mocimboa da Praia naquele dia de Maio/1970. Mike Papa, no alfabeto fonético. Aprendi-o tão bem que ainda hoje o sei.

Começo por confessar, meus amigos, que ia um bocado apreensivo. A camareira que tratava do nosso camarote disse-me um dia que na viagem anterior o Vera Cruz tinha sido "atacado" com umas morteiradas, quando fundeu ao largo de Mocimboa. Não atingiram o navio, mas segundo ela terá causado alguma perturbação no desembarque. Na verdade, como todos recordamos, o desembarque fez-se com o navio fundeado ao largo, e o pessoal descendo para umas barcaças que nos transportaram até à praia.

Connosco nada de anormal aconteceu, ainda bem. Seria um bocado "chato". Nós nem armas tínhamos para reagir. Sempre achei estranho. Depois percebi que as armas não abundavam assim tanto. (A determinada altura da comissão, até a G3 que eu tinha foi

substituída por uma FBP. A G3 foi para um soldado negro do contingente local. Sempre fomos um país de "tesos", mesmo antes da "tróica"...)

Mas felizmente que não danificaram o navio...

Se houvesse pessoal ferido ou mesmo morto, seria coisa de somenos... O navio é que era um equipamento importante!...

Lembro-me com isto de uma história que me contaram sobre os comentários de um Oficial Superior, dos do ar condicionado que "combatiam" nos QGs, e que terá tido a seguinte tirada:

- "A coluna foi atacada; é normal, por isso cá estamos... Os mortos é uma porra! Mas aqueles gajos deixarem danificar duas viaturas pelas minas, é que é uma merda... Se calhar nem picaram... E logo duas Berliets... Estamos a ficar com o material circulante todo fodido!..."

Adiante.

Parece mentira, mas gostei do que vi ao chegar aquela praia. Palmeiras e árvores na orla da costa, algumas já a serem lambidas pelo mar. Era exótico... Também recorro a primeira sensação sobre o cheiro daquela África para onde me tinham mandado. Tão longe da minha mãe, do meu pai, dos avós, dos amigos, e pior; da namorada... Tinha, algum tempo antes, tido um "arrufo", e as coisas não estavam normais. Admiti mais tarde que devido ao meu estado de tensão... E dela também... Nem ela nem eu queríamos que eu fosse!...

Acabei por ficar definitivamente sem ela... Culpei durante muito tempo a tropa... Não sei como seria se tivesse continuado e eventualmente casado com ela...

Arranjei outras... E, finalmente, a que ainda mantenho ao fim de todos estes anos. Fiquei bem...

Tive também algum receio, quando me vi em cima de um Unimog, na picada para o nosso destino no Chitolo...

Parecia-me ver "turras" a espreitarem-nos da mata...

Quem sabe, se não estariam lá mesmo?... Quanto amorismo havia naquele exército...

Apesar de tudo, ia à espera que o estacionamento do Chitolo fosse muito pior do que o que encontrámos. Tinha alguns relatos de amigos mais velhos, que já tinham feito a maldita comissão, que diziam ter vivido em tendas e/ou abrigos abaixo do solo...

Nós, na nossa Companhia, estávamos com "sorte"... Pelo menos podíamos ouvir a chuva a cantar nos telhados de chapa de zinco... Do calor que delas emanava é que não quero lembrar-me... Dava jeito era cá no puto, durante os invernos...



Podia na verdade ter sido muito pior.

Contudo, não gostei. Nunca me convenceram de que íamos defender a Pátria.

Quinté,

CAIves

Ex-1º Cabo Op.Cp. (não consegui chegar General...)

CCaç 2702-Moç. 70/72

